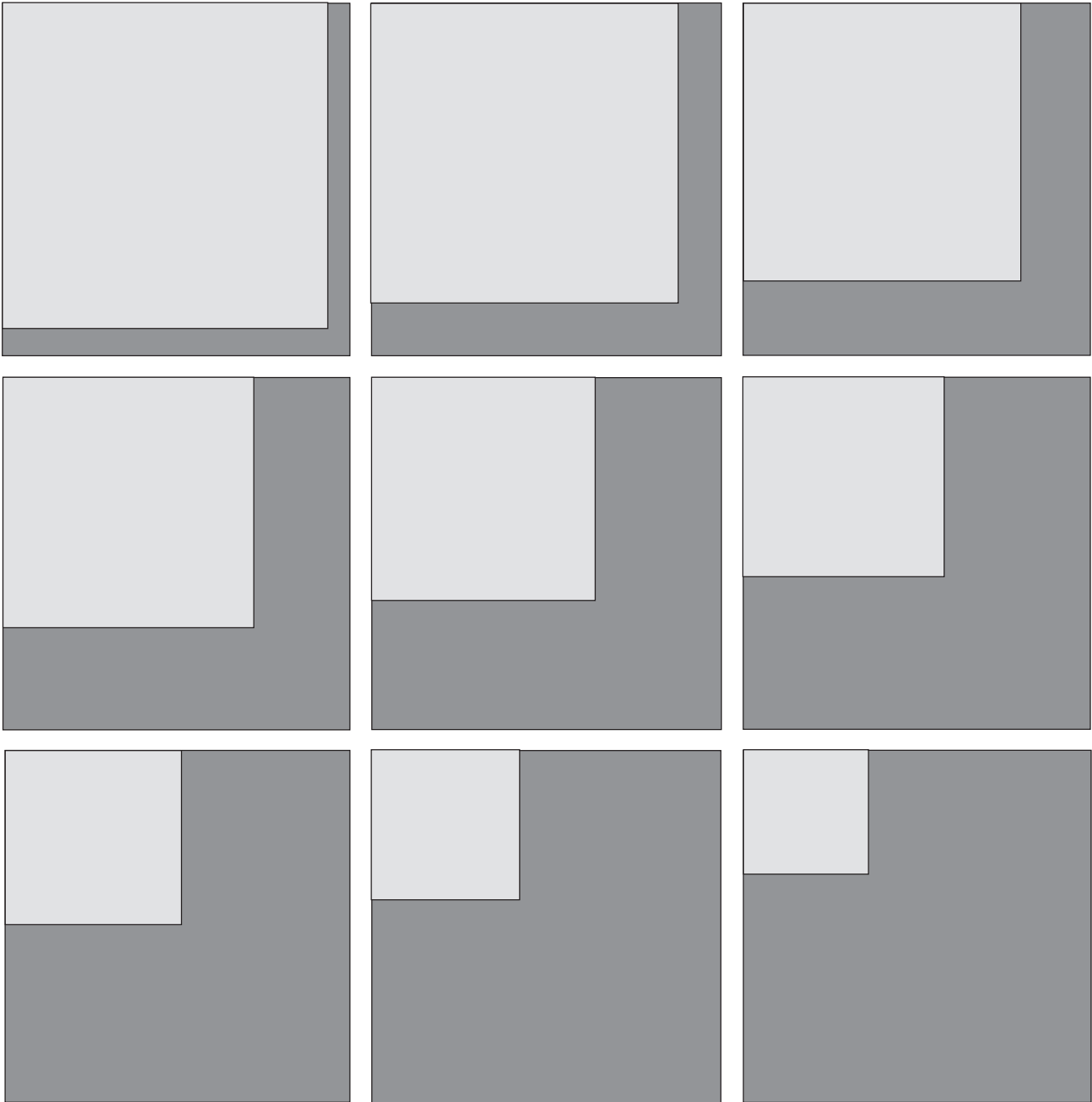


Colégio **BBBBB** Bandeirantes



Português

Fascículo 05

Carlos Alberto C. Minchillo

Izeti Fragata Torralvo

Marcia Máisa Pelachin

Índice

Gramática

Resumo Teórico	1
Exercícios.....	3
Gabarito.....	5

Literatura

<i>Macunaína</i> – Mário de Andrade.....	7
Exercícios.....	11
Gabarito.....	13

Gramática

Resumo Teórico

Objetivo: treinar alguns aspectos da estruturação sintática das frases em língua portuguesa.

Conteúdo do resumo teórico

- I. Sintaxe: linearidade da fala; não linearidade da língua
- II. Ordem dos termos da oração (ordem inversa; “mobilidade” de alguns termos da oração)
- III. Relações sintáticas
 1. Coordenação e subordinação
 2. Paralelismo sintático

Sintaxe: linearidade da fala; não linearidade da língua

Toda língua possui normas para estruturar os enunciados: as palavras organizam-se para formar frases, orações, períodos. A essa organização chama-se **sintaxe**.

Embora, ao falar e escrever, uma palavra siga a outra, a estruturação dos enunciados não respeita necessariamente essa ordem.

Exemplo:

“Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante.”

José J. Veiga

Observe alguns detalhes da sintaxe da frase:

- Embora o advérbio **sempre** esteja ao lado do pronome **você**, ele relaciona-se ao verbo **perguntar**, ao qual acrescenta uma circunstância;
- Embora não estejam lado a lado, o pronome **você** relaciona-se ao verbo **perguntar**, do qual é o sujeito;
- O pronome **lhe** retoma o destinatário, designado pelo pronome de tratamento **você**, da primeira oração;
- A expressão **uma importante** não apresenta o substantivo **novidade**, que já fora expresso na primeira oração e está subentendido na segunda.

Ordem dos termos da oração (ordem inversa; “mobilidade” de alguns termos da oração)

As orações em português têm uma ordem considerada “normal”, que seria a ordem direta dos termos; e outra, que rompe com a seqüência dos termos, e é chamada de ordem inversa.

São características da ordem direta:

- Seqüência: sujeito – verbo – complementos verbais – adjuntos adverbiais
- Adjuntos e complementos nominais ao lado do nome a que se referem
- Predicativo do sujeito no fim da frase
- Aposto ao lado do termo a que se refere

As relações sintáticas são responsáveis por certa “mobilidade” das expressões dentro das frases. Assim, um adjunto adverbial (uma circunstância que se relaciona ao verbo da oração) pode ser colocado no início da frase, no interior da frase (e não no fim). Deve-se sempre ter o cuidado, no entanto, de não inverter os termos de tal modo que a frase se torne ambígua.

Exemplo: em “Matou o marido Maria.” não se sabe exatamente a quem atribuir a ação de matar.

Relações sintáticas

Coordenação e subordinação

Da organização das palavras em enunciados, resultam relações de “igualdade sintática” ou de “dependência sintática”, ou seja, relações de coordenação ou de subordinação.

A coordenação e a subordinação são processos sintáticos. Coordenam-se termos (palavras ou expressões) de mesma função; subordinam-se termos (palavras ou expressões) de diferentes funções sintáticas.

Exemplo:

“Bebemos em silêncio. Vários cartazes nas paredes, anúncios de refrigerantes, cigarros, bebidas alcoólicas.”

Jaime Prado Gouvêa

No trecho citado, “de refrigerantes, cigarros, bebidas alcoólicas” constituem uma enumeração: são termos coordenados, de mesma função.

No restante da frase, observa-se a subordinação: **em silêncio** subordina-se ao verbo beber, ao qual acrescenta uma circunstância; **vários** subordina-se ao substantivo **cartazes**, caracterizando-o etc.

Paralelismo sintático

O paralelismo sintático caracteriza-se pela construção equivalente de dois fragmentos de um mesmo enunciado.

Exemplo:

Algo saiu errado com:

Seu imposto?	Seu carro novo?	Como votou o seu deputado?
Sua aposentadoria?	Você foi achacado?	Onde é aquele cinema?
Sua conta de luz?	Vai tirar passaporte?	Emergência médica?

defenda-se
O NOVO SITE DO JT QUE RESOLVE SEUS PROBLEMAS DE CIDADÃO E CONSUMIDOR

Vá para www.defenda-se.inf.br e resolva o seu problema

Jornal da Tarde. 29 / 02 / 2000

No anúncio, há trechos em que o paralelismo sintático foi mantido e outros, em que foi quebrado. Observe:

- Há paralelismo no trecho que segue, uma vez que as quatro expressões completam adequadamente a frase inicial:

“Algo saiu errado com:

Seu imposto?

Sua aposentadoria?

Sua conta de luz?

Seu carro novo? (...)”

- Houve quebra do paralelismo no restante do texto, uma vez que as expressões e frases não completam a frase inicial:

“Algo saiu errado com:

(...)

Você foi achacado?

Vai tirar passaporte?

Como votou o seu deputado?

Onde é aquele cinema?

Emergência médica?”

Exercícios

01. Assinale a alternativa em que o termo **mais** tem o mesmo sentido e a mesma função presentes em:

*“Meus pés se desprenderam do chão, me senti transportado para o alto e quando recuperei a visão estava dentro de um domo de metal, diante de uma espécie de formiga branca e gigantesca cujos olhos pareciam perturbadoramente humanos. E eles me examinavam com interesse e algo **mais** (...).”*

Luis Fernando Veríssimo

- a. *“No ensino fundamental está o cerne de tudo o **mais** que sai errado em nossa Educação.”*

Claudio de Moura Castro – Veja

- b. *“Praça, igreja, ruas estreitas, **mais** adiante pequenos sítios.”*

Julieta de Godoy Ladeira

- c. *“(...) na sinuca eu trazia uma coisa comigo. **Mais** jogasse o parceirinho, mais eu jogaria.”*

João Antonio

- d. *“Carrinho de rodas de ferro (carrinho de rolimã, como a gente dizia), pelada todas as tardes, papai me levava no caminhão... E eu **mais** Duda íamos nadar todos os dias na lagoa da estrada de ferro. Todos os dias, eu mais Duda.”*

João Antonio

- e. *“Perguntou meu nome. Respondi. Absurdamente, fiz questão de dizer que o ‘Luis’ era com ‘s’. Ele quis saber **mais** coisas a meu respeito.”*

Luis Fernando Veríssimo

02. Observe o texto:

*“O nome do cachorro era Zig; se em toda a cidade era conhecido como Zig Braga, **isto apenas mostra como se identificou com o espírito da casa em que nasceu**, viveu, mordeu, latiu, abanou o rabo e morreu.”*

Rubem Braga

O trecho destacado encontra-se reescrito em:

- I. Apenas isto mostra como se identificou com o espírito da casa em que nasceu.
- II. Isto mostra como se identificou apenas com o espírito da casa em que nasceu.
- III. Isto mostra como se identificou com o espírito da casa em que apenas nasceu.

O sentido da frase original está mantido:

- a. nas alternativas I e III
- b. nas alternativas II, III
- c. nas alternativas I e II
- d. em nenhuma das alternativas
- d. em todas as alternativas

03. O pleonasma sintático presente em

"(...) escorrega os dedos suados no joystick e ela vence. Ela muitas vezes vence, a máquina."

Duílio Gomes

também ocorre em:

- a. *"(...) a velhíssima história da castelã que (...) recebe ela, na sua câmara, com os braços nus, por noite de maio e de lua, o pajem de anelados cabelos..."*

Eça de Queirós

- b. *"Havia também uma professora que lia o seu livro e me esquecia abobalhado à frente da lousa. Depois... O bilhete e a surra. É. Bilhete para minha mãe me bater, castigo, surra, surra."*

João Antonio

- c. *"Eu estava a escutar e ouvia; ao relento de maresia e salsugem, a estória principiara."*

Guimarães Rosa

- d. *"Até mesmo os investidores mais distraídos já devem ter percebido que, para ganhar dinheiro agora, terão de começar a correr mais riscos. O problema é que há riscos e riscos."*

Gazeta Mercantil

- e. *"Pai meu me levou pra o missionário. Batizou, batizou. Nome de Tônico; bonito, será?"*

Guimarães Rosa

04. As vírgulas separam termos de mesma função sintática em:

- a. *"Ofegante, Samuel entrou no quarto e fechou a porta à chave."*

Moacyr Scliar

- b. *"Atenção, pressione o botão on off. Agora, a tecla 1 do teclado alfa-numérico."*

Duílio Gomes

- c. *"Abro os olhos: Isa, bandeja, torrada, banana, café, leite, manteiga."*

Rubem Fonseca

- d. *"Só motoristas que ouviam rádio baixinho, cabeça deitada no volante."*

João Antônio

e. "Com a decadência da família, professora no grupo escolar (...)"

Dalton Trevisan

05. Observe com atenção o anúncio que segue:



Veja. 24 / 05 / 2000

Assinale a alternativa que apresenta um fragmento do texto em que há ambigüidade.

- a. "Nós temos a resposta e a solução."
- b. "Alta tecnologia."
- c. "Não é necessário desocupar o local."
- d. "Consulte nosso agrônomo sem compromisso."
- e. "Técnicos altamente especializados."

Gabarito

01. Alternativa e.

Na frase do enunciado, como na frase presente na alternativa "e", a palavra **mais** funciona como um qualificador e tem o sentido de (coisas) outras, diferentes, além; (algo) diferente, além.

Nas outras alternativas, a função é de:

- a. substantivo com o sentido de "resto";
- b. advérbio indicando circunstância de intensidade;
- c. conectivo com valor de proporção;
- d. conectivo com valor de adição.

02. Alternativa d.

A palavra “apenas”, no texto original, ligava-se ao verbo “mostrar”. Na frase I, relaciona-se ao pronome “isto”; na II, à expressão “com o espírito da casa”; na III, ao verbo “nascer”.

03. Alternativa a.

No enunciado, a frase de Duílio Gomes possui um pronome e um substantivo com a mesma função sintática (ela, máquina), o que também ocorre com o pronome relativo e o pronome pessoal da frase “a” (que, ela).

Em “b”, o mesmo substantivo se repete em uma construção enfática; em “c”, encontram-se dois verbos de sentido semelhante, cada um constituindo uma oração distinta; em “d”, o mesmo substantivo se repete com sentidos diferentes; em “e”, o verbo se repete, por ênfase, constituindo duas orações.

04. Alternativa c.

Na alternativa “c”, os vários substantivos são coordenados, constituem uma enumeração (que explica o que a personagem vê ao abrir os olhos). Em “a”, separa-se por vírgula uma qualidade do sujeito (o predicativo do sujeito); em “b”, a primeira vírgula separa a interjeição da oração, e a segunda, o advérbio de tempo do restante da oração; em “d”, a vírgula separa uma locução que acrescenta uma circunstância ao verbo (adjunto adverbial de modo); em “e”, a vírgula separa uma locução adverbial do restante da frase (que é praticamente conseqüência da afirmação anterior).

05. Alternativa d.

A posição dos termos da oração determina a ambigüidade. A expressão “sem compromisso” pode indicar uma circunstância do verbo, a maneira como se faz a consulta descompromissadamente, ou pode indicar uma característica dos agrônomos descompromissados.

Literatura

Macunaíma – Mário de Andrade

O Brasil, os brasileiros: fragmentos de um retrato

Na formação do Brasil e dos brasileiros, a literatura muitas vezes tentou fornecer respostas para uma mesma pergunta: “afinal, quem somos nós?” O Romantismo foi buscar no índio idealizado – forte e submisso como Peri, sensível e honrado como Iracema – um ancestral “nobre” que, associando-se ao branco colonizador, geraria a nova “raça” brasileira. Anos mais tarde, alguns autores, desiludidos com os rumos da nação e influenciados por doutrinas eurocêntricas, entenderam que, fruto da miscigenação, o povo brasileiro estaria destinado ao fracasso, à inferioridade, caso não passasse por um processo depurador de “branqueamento”.

Os modernistas do século XX, ao se proporem a mesma questão, nem se iludiram com o mito do bom-selvagem romântico¹, nem se deixaram cegar pelo pessimismo determinista que condenava a mistura de raças e culturas. Na década de 20, com o costumeiro senso de humor que os caracterizava, autores como Oswald de Andrade e Mário de Andrade identificaram a riqueza da sociedade brasileira justamente na multiplicidade cultural, na coexistência do moderno e do primitivo, do culto e do popular. Seríamos, por definição, um povo “desconexo”, “indefinido”. Essa rica diversidade não os impediu, no entanto, de identificar igualmente alguns traços que dificultam a constituição de uma sociedade harmoniosa: a preguiça doentia, o hedonismo estéril, o egoísmo desumano, a valentia de fachada, a vaidade, a presunção, a ausência de princípios éticos estáveis.

Composto de muitas ambigüidades – malandro e ingênuo, sensível e vingativo, impetuoso e covarde, religioso e irreverente, bem-humorado e irritadiço, culto e ignorante, primitivo e urbano – o brasileiro não poderia ser representado por um personagem tradicional. Por isso, só mesmo uma colagem mais ou menos caótica seria capaz de sintetizar o caráter multifacetado do povo e da cultura brasileira. A mais ousada tentativa de produzir essa colagem foi *Macunaíma*, obra escrita em 1926 pelo poeta, prosador, músico e folclorista Mário de Andrade.

Uma rapsódia nos trópicos

Ao denominar sua obra *rapsódia*² Mário de Andrade evidencia justamente o processo fragmentado de montagem de sua narrativa. O autor teceu um grande painel, em que articulou e fundiu uma série de lendas do nosso folclore, histórias originadas da cultura indígena, negra e europeia. O resultado é um texto que reúne sob o abrigo de um enredo principal (a busca da pedra sagrada por Macunaíma), inúmeras peripécias, baseadas na maior parte dos casos em histórias pré-existentes nas culturas que formam a cultura nacional³.

Todas essas pequenas aventuras foram alinhavadas por uma linguagem que também se valeu de influências díspares: vocabulário de diversas origens e regiões, sintaxe que imita construções de frase de línguas indígenas, provérbios e ditos populares, tom extremamente coloquial, referências à língua culta.

1. Mário de Andrade e outros modernistas, ao contrário do que possa aparentar, não desprezavam a contribuição do Romantismo para a definição da língua e dos temas nacionais. Evidentemente não poderiam continuar reproduzindo a idealização dos índios românticos, mas isso não impediu, por exemplo, que em *Macunaíma* houvesse referências explícitas à personagem Iracema, de José de Alencar. O filho de Macunaíma com Ci morre ao sugar o leite envenenado da mãe. O filho de Iracema morre porque o leite materno se misturava às lágrimas saudosas de Iracema, que chorava por seu amado Martim.
2. O termo “rapsódia” deriva de um gênero de composição musical, que associa em uma mesma obra diversos temas populares.
3. Essa técnica de composição remete aos procedimentos cubistas de recorte e colagem. Assim, percebe-se que a obra de Mário de Andrade ao mesmo tempo valoriza a cultura popular e atende aos ideais das vanguardas artísticas do início do século XX.

Também as relações de tempo e espaço contribuem para a impressão de uma estrutura fragmentada. Em sua peregrinação em busca da muiiraquitã perdida e nas constantes fugas que empreende para defender-se de criaturas ameaçadoras, Macunaíma magicamente passa por regiões distantes do Brasil e da América do Sul com a facilidade de quem dá uma volta no quarteirão. Encontra nessa perambulação ilógica personagens de diferentes épocas históricas. Com isso, a narrativa **desgeografiza** a paisagem e indetermina o tempo: trata de um Brasil que resulta da contribuição de todos os cantos do território nacional e de todas as etapas de nossa História.

Um malandro como herói

Macunaíma, protagonista do enredo, é o mosaico representativo da “nossa gente”. “Criança feia”, nasce negro, filho de uma tribo indígena; mais tarde ele se banha nas águas mágicas de uma fonte e fica branco, de olhos azuis⁴. Originário das matas, quando vem para a cidade de São Paulo vai aos poucos aprendendo a cultura urbana, “educa-se” nos livros, percebe que os brasileiros se comunicam em duas línguas completamente distintas – a língua empregada no cotidiano e a língua escrita – e com o pouco que aprendeu se torna pernóstico, arrogante e chega mesmo a enganar suas súditas, as índias icamiabas. Na selva ou na cidade, Macunaíma é esperto e traidor, mentiroso e ingênuo, manhoso e preguiçoso, infantil e luxurioso. Por outro lado, é capaz de momentos grande sensibilidade e poucas vezes age explicitamente por querer mal aos outros. Em outras palavras, seja no físico, seja no comportamento, o herói é um amálgama, uma síntese de elementos contraditórios que formam o modelo abstrato (e talvez estereotipado) do brasileiro.

Nesse sentido, pode-se compreender o subtítulo da obra (“o herói sem nenhum caráter”) de duas formas:

- Macunaíma, assim como o povo brasileiro, *não tem caráter definido*, pois resulta da junção de múltiplas influências raciais e culturais; sua personalidade se define mal, já que se configura por meio de ambivalências e oposições.
- Diferentemente dos personagens indígenas forjados no Romantismo, Macunaíma não é idealizado; trata-se de um **anti-herói**. Conquista a simpatia dos leitores não por atitudes e valores positivos, mas por um *caráter condenável ou ridículo*.

Vale notar porém que, mesmo constituindo um personagem irreverente e “sem caráter”, Macunaíma lembra simultaneamente grandes heróis da tradição literária, como os cavaleiros das novelas medievais. Filho do medo da noite, Macunaíma tem uma origem misteriosa como muitos dos protagonistas de mitos e lendas. Casa-se com Ci, a mãe do mato, Imperatriz das Icamiabas e com isso torna-se um “nobre”, Imperador do Mato Virgem. Perde um objeto sagrado (a muiiraquitã) e assume a

“(…) A inteligência do herói estava muito perturbada. As cunhãs rindo tinham ensinado pra ele que o sagüi-açu não era sagüim não, chamava elevador e era uma máquina. De-manhãzinha ensinaram que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncocos esturros não eram nada disso não, eram cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges mármoms e eram máquinas.”

Ao chegar à cidade grande, Macunaíma interpreta o que vê segundo sua perspectiva de homem nascido na selva. O narrador faz uma paródia dos textos coloniais, em que os viajantes europeus interpretavam as sociedades indígenas de acordo com seus próprios valores, crenças e preconceitos, promovendo muitas vezes graves equívocos.

4. São freqüentes na narrativa as transformações mágicas. Macunaíma chega a morrer três vezes e é ressuscitado pelo irmão Maanape, um feiticeiro. Algumas dessas transformações são francamente cômicas: Macunaíma, por exemplo, toda vez que quer xingar a mãe de seu inimigo transforma o irmão Jiguê no aparelho telefone. Os estudiosos de folclore e antropologia revelaram que é característico da mentalidade primitiva aceitar que os seres possam se transformar em outros. Desse modo, Mário de Andrade insere em sua obra uma perspectiva primitiva.

tarefa de reconquistá-lo. Em seu percurso, abandona sua terra natal, enfrenta obstáculos e oponentes, recorre a poderes mágicos, é auxiliado por “anjos tutelares”⁵. Ao recuperar o objeto sagrado, volta para o seu povo, cumprindo uma *saga* que é semelhante a diversas narrativas de aventura.

Triste herói cômico

Diferença marcante com os grandes heróis da literatura é que Macunaíma, ao voltar para sua terra natal, não pode ser aclamado por sua gente. A tribo havia sido dizimada, os irmãos Maanape e Jiguê adoecem e morrem; Macunaíma está doente, sente-se só e deprimido. Acaba ainda sendo traído por Vei, a divindade solar, e cai nas mãos da Uiara, criatura da água que seduz os homens e os deglute. Macunaíma sai do encontro destroçado e percebe que pela segunda vez perdeu a pedra sagrada. Por isso, desencanta-se com a vida e decide se tornar uma “estrela de brilho inútil”. O herói, que havia feito o leitor se divertir com suas estripulias e com seu jeito irreverente, agora só causa pena.

Mário de Andrade parece sugerir com esse final melancólico um comentário desiludido sobre o futuro da cultura brasileira e a dos povos latino-americanos de modo geral⁶. Ressentindo-se de uma fragmentação que talvez jamais encontre uma fórmula harmônica, vítima de profundo desconhecimento e desprezo por parte das elites, a cultura popular dos povos latino-americanos talvez esteja destinada à destruição. Talvez, conforme a realidade atual parece confirmar, nós nunca passaremos de uma cópia – sempre imperfeita – das culturas estrangeiras.

Narrador: um rapsodo moderno

Nas sociedades primitivas, o folclore, as cantigas de roda, as lendas e mitos que constituem a cultura popular passam de uma geração a outra por meio da fala. Cabe aos mais velhos e em especial ao “rapsodo” – narrador “oficial” da comunidade – conservar e divulgar a cultura coletiva. Ao desenvolver a escrita, tais sociedades passaram a registrar “em papel” essa bagagem cultural, preservando-a com mais segurança do esquecimento. O mesmo processo ocorre em *Macunaíma*: as peripécias do “herói sem nenhum caráter” são relatadas oralmente pelo protagonista a um papagaio aruaí; este, por sua vez, conta os casos admiráveis de Macunaíma para um homem que visitava a região do rio Uraricoera. Esse viajante, apresentado apenas nas últimas linhas do enredo, é o personagem que transforma a narrativa oral (cultura popular) em texto escrito (cultura erudita), assumindo o papel de narrador. Assim, a obra – que até o último capítulo parecia ser narrada em 3.ª pessoa – é na verdade narrada em 1.ª pessoa.

“E o homem sou eu, minha gente, e eu fiquei pra vos contar a história. Por isso que vim aqui. Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei minha violinha e em toque rasgado botei a boca no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói da nossa gente.”

O narrador de *Macunaíma* só aparece como personagem nas últimas frases da narrativa. Esse narrador procura manter o espírito oralizado da narrativa, ele se dirige aos leitores como se estivesse na presença de um grupo de ouvintes. Por isso, pode-se dizer que esse narrador imita o papel do rapsodo da antiguidade.

5. Além dos irmãos, que estão sempre prontos para socorrer Macunaíma, o herói conta com o auxílio sobrenatural de certas divindades e no capítulo “Macumba” vinga-se do gigante Piaimã por meio dos poderes de Exu, divindade do candomblé.
6. Macunaíma, antes de viajar para São Paulo, deixa sua consciência na ilha de Marapatá. Ao voltar, não encontra sua consciência e a substitui pela consciência de um hispano-americano e “se dá bem da mesma forma”. Com isso, percebe-se que Macunaíma pode também ser entendido como símbolo do homem latino-americano.

Personagens e episódios

Gigante Piaimã

É o mais importante adversário de Macunaíma. O gigante “comedor de gente” esconde-se sob a identidade do industrial de origem peruana, Venceslau Pietro Pietra. Grande colecionador de pedras, é Venceslau/Piaimã quem detém a muiraquitã que Macunaíma perdeu. O herói viaja até São Paulo para reconquistar o amuleto perdido, tenta por vários artifícios vencer o gigante, mas fracassa repetidas vezes até que consegue derrubar Piaimã na panela de molho de macarronada que estava preparada para cozer o próprio Macunaíma.

Ci, a mãe do mato

A mãe do mato é a imperatriz das Icamiabas, tribo de mulheres guerreiras conhecidas como Amazonas. Macunaíma força Ci a manter relações sexuais com ele e então conquista o direito de ser o Imperador do Mato Virgem. Ci tece, com os próprios cabelos, uma rede para o casal dormir e por isso o amor de Macunaíma por ela é eterno. Depois da morte do filho, Ci transforma-se na estrela Beta do Centauro.

Boiúna Capei (Boiúna Luna)

Macunaíma escuta a história da cascata chamada Naipi, que sofre um castigo imposto pela Boiúna Capei, uma cobra que exigia virgens da tribo morubixaba para dormir com ela. Macunaíma fica indignado com a crueldade do monstro e impetuosamente diz que o mataria caso o encontrasse. Surge então furiosa a Boiúna e por pura sorte Macunaíma decepa a cabeça do monstro-cobra. A Boiúna corre atrás de seu vencedor, para a ele se render, mas Macunaíma, assustado, foge. Na fuga, Macunaíma perde a muiraquitã. Por fim, a Boiúna Capei sobe ao céu e vira a Lua.

Vei, a sol⁷

A sol tinha três filhas e oferece uma delas em casamento a Macunaíma, sob a condição de que ele não mais se engraçasse com nenhuma moça e se mantivesse fiel. O herói não cumpre o trato feito com Vei, a sol, e perde a oportunidade de receber a proteção da divindade. Vei, a sol, para se vingar de Macunaíma, fez com que ele se entregasse a Uiara, divindade das águas que devorava seus amantes.

Currupira

Macunaíma come um pedaço da perna do Currupira, que na verdade queria devorar o herói. Macunaíma foge em disparada e o Currupira o persegue, montado em seu viado, gritando “Carne de minha perna”. O pedaço de carne responde de dentro da barriga do herói e com isso a perseguição continua ininterruptamente até que Macunaíma vomita a perna do Currupira e livra-se da perseguição.

Anhangá

Macunaíma mata a própria mãe, pois fora enganado por Anhangá, que transformou a mãe do herói em viada.

7. Mário de Andrade tentou reproduzir em português o gênero que a palavra “vei” (=sol) tem na língua taulipangue; por isso, emprega a expressão no feminino: “a sol”.

Pauí-Pódole

O Cruzeiro do Sul é chamado pelos indígenas de Pauí-Pódole, ou Pai do Mutum. Tratava-se de um pássaro que foi perseguido e ferido pelo feiticeiro Camã-Pabinque. Pedindo auxílio ao vaga-lume Camaiuí, Pauí-Pódole subiu ao céu, deixando um rastro de luz: o Cruzeiro do Sul. Quando decide virar uma “estrela de brilho inútil”, Macunaíma é auxiliado por Pauí-Pódole, que o ajuda a se transformar na constelação da Ursa Maior.

Oibê

Oibê é um minhocão que Macunaíma tenta enganar, roubando um assado que o monstro estava cozinhando. Oibê sai em busca do herói e ocorre uma sucessão de peripécias, até que Oibê, na verdade um lobisomem, se desencanta, cuspidando a alma de homem que estava presa a ele.

Ceiuci

Ceiuci é a Caapora. Ela “pesca” Macunaíma e o leva para sua casa. Enquanto a velha gulosa acende o fogo para cozinhar Macunaíma, a filha caçula livra Macunaíma das redes, leva-o para o quarto e os dois mantêm relações sexuais. Ceiuci, enraivecida por perceber o que acontecera, persegue Macunaíma, que foge nas asas de um tuiuiu. Ao chegar em casa, o herói dá queixa à polícia contra Ceiuci, mulher do gigante Piaimã, que foi então deportada e que volta ao Brasil, como integrante de uma companhia lírica.

Exercícios

Teste seus conhecimentos sobre *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

01. *“Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto eram sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam muito simpatizadas, falando que ‘espinho que pinica, de pequeno já traz ponta’, e numa pajelança Rei Nagô fez discurso a avisou que o herói era inteligente.”*

A partir do trecho de *Macunaíma* e de seus conhecimentos da obra, é possível afirmar que:

- a simpatia que as mulheres sentiam por Macunaíma contrapõe-se à rejeição que o herói sofre dos irmãos, da mãe e das entidades mágicas e divinas que aparecem na narrativa.
- O emprego de uma frase popular resume a crença de que as peraltagens de Macunaíma deviam-se à sua pouca idade e tenderiam a desaparecer.
- As estripulias do herói reforçam seu caráter ingênuo e incoseqüente, que só se transformará a partir da perda da pedra sagrada, a muiraquitã.
- A inteligência de Macunaíma, prevista pelo pajé, será a arma mais eficaz empregada pelo herói para vencer seus oponentes.
- A associação de culturas diferentes, representada também por meio dos traços físicos de Macunaíma, está sintetizada no trecho pela expressão “pajelança Rei Nagô”.

02. **Não** constitui um recurso de estilo empregado com destaque em *Macunaíma*:

- longas enumerações não pontuadas de nomes de plantas, animais, lugares, pessoas.
- o flashback, que interrompe o fluxo da narrativa e explica acontecimentos anteriores que envolvem o herói Macunaíma.
- construções típicas da fala, como a dupla negação e as repetições enfáticas.
- grafia deturpada de algumas palavras e desrespeito a certas normas gramaticais.
- epítetos que, acoplados constantemente aos nomes das personagens, identificam-lhes características marcantes.

03. Pode-se apontar como possível propósito de *Macunaíma*:

- revelar a fragilidade da cultura nacional, que se ressentia da impossibilidade de se associarem as contribuições de cada uma as raças que compõem o povo brasileiro.
- criticar o descompromisso dos artistas nacionais com a missão de elevar o padrão cultural do povo brasileiro, ainda totalmente imerso na cultura popular.
- recriminar a índole preguiçosa e inconseqüente das camadas mais simples da população, que não demonstram força de caráter e tentam tirar vantagens pessoais de qualquer circunstância.
- expor o caráter ambivalente do brasileiro, resultante do cruzamento às vezes desarmônico e cômico de traços contrastantes e inconciliáveis.
- glorificar as manifestações da cultura popular de origem ameríndia e africana como verdadeiro e legítimo emblema de identidade nacional.

04. Aponte a alternativa **incorreta** sobre o capítulo “Carta pras icamiabas”, de *Macunaíma*.

- A carta é redigida em um estilo aparentemente elevado, verdadeira caricatura da linguagem culta – e muitas vezes sem sentido – empregada pela elite.
- O capítulo revela não só o pedantismo de Macunaíma, mas igualmente critica a tendência de a cultura erudita ser empregada como forma de poder, manipulação e escamoteamento da realidade.
- Macunaíma ainda não compreende a cidade grande, nem mesmo a linguagem que seus habitantes empregam. Por isso, seu relato sobre São Paulo na “Carta pras icamiabas” é deturpado e incoerente.
- Sendo as índias Amazonas autênticas representantes da cultura “selvagem”, é ilógico que se utilize o texto escrito como meio de comunicação entre o Imperador e suas súditas, conforme faz Macunaíma.
- No texto da “Carta”, há diversos elementos paródicos, como a referência aos versos de *Os Lusíadas* (“Nem cinco sóis eram passados”) e a linguagem descritiva que imita o estilo dos cronistas coloniais (“Andam elas vestidas de rutilantes jóias e panos finíssimos, que lhes acentuam o donaire do porte, e mal cobrem as graças (...)”)

05. Leia o trecho e as afirmações que seguem.

“É aquele caminho de luz que daqui se enxerga atravessando o espaço. Pauí-Pódole então avoou pro céu e ficou lá. Minha gente! aquelas quatro estrelas não é Cruzeiro, que Cruzeiro nada! É o Pai do Mutum!

Macunaíma parou fatigado. Então se ergueu do povaréu um murmurejo longo de felicidade fazendo relumear mais ainda as gentes, os pais-dos-pássaros os pais-dos-peixes os pais-dos-insetos os pais-das-árvores, todos esses conhecidos que pairam no campo do céu.”

- O trecho reproduz uma das inúmeras lendas, aproveitadas por Mário de Andrade, que explicam o surgimento de elementos da natureza, neste caso, o surgimento de estrelas.
- Neste capítulo, ao contrário do que faz em “Carta pras icamiabas”, Macunaíma resiste à cultura branca de origem européia, ao contrapor à versão “oficial” uma explicação mágica para o surgimento do Cruzeiro do Sul.
- Discursando para o povo da cidade, Macunaíma seduz o seu público com a poeticidade de sua

história. O fragmento transcrito parece então articular uma crítica à vida urbana e moderna, que priva o ser humano da ingenuidade e magia preservadas pela cultura popular.

Assinale a alternativa verdadeira.

- a. são corretas as afirmações I, II e III;
- b. são corretas somente as afirmações I e II;
- c. são corretas somente as afirmações I e III;
- d. são corretas somente as afirmações II e III;
- e. é correta somente a afirmação I.

Gabarito

01. Alternativa e.

Na expressão “pajelança Rei Nagô” cruzam-se noções da cultura indígena (“pajelança”) e africana (“Rei Nagô”).

Observe também que:

- mesmo sendo por vezes perseguido, Macunaíma é constantemente protegido, tanto pelos familiares, quanto por divindades;
- a frase “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta” indica que as características de um adulto já estão determinadas desde a infância; Macunaíma continuará, na vida adulta, a perder-se pela sedução do sexo e a caracterizar-se por sua inconseqüência;
- o herói vence as situações adversas na maioria das vezes por sorte, por ingenuidade ou pela malandragem.

02. Alternativa b.

A narrativa de *Macunaíma* é predominantemente cronológica, isto é, não se emprega com frequência o recurso do flashback para relatar ocorrências passadas que envolvam Macunaíma. O enredo é apresentado linearmente desde o nascimento até a morte do herói e as interrupções que ocorrem dizem respeito à incorporação de lendas, que normalmente esclarecem o surgimento fabuloso de um ser.

03. Alternativa d.

O personagem Macunaíma seria, segundo declarações do próprio autor, uma colagem de características contraditórias que procuram descrever um povo – o brasileiro, fruto de influências culturais e situações de vida muito díspares. O índio assim composto define-se por um caráter **indefinido** e nada idealizado, o que o distingue de seus “antecessores”, personagens românticos como Peri, Ubirajara e Iracema.

04. Alternativa c.

Na “Carta pras icamiabas”, Macunaíma revela uma aguda compreensão da realidade do meio urbano, tecendo comentários bastante perspicazes e críticos sobre o modo de viver e comunicar-se dos paulistanos. Revela assim que, passada a estranheza inicial que a cidade lhe causara, havia se esforçado por inserir-se na cultura civilizada, o que também corresponde a um processo de aculturação, ou seja, de desvalorização da própria cultura.

05. Alternativa a.

Apresentado logo na seqüência da “Carta pras icamiabas” – na qual Macunaíma recorre à cultura erudita para escamotear seu pedido de dinheiro às índias Amazonas – , o capítulo “Pauí-Pódole” apresenta um episódio que revela a fidelidade de Macunaíma à sua cultura, já que o personagem recusa-se a identificar como Cruzeiro do Sul as estrelas que conhecia por Pauí-Pódole, um pássaro que virara estrela. O público emociona-se com a história contada por Macunaíma, indicando que mesmo os moradores da cidade grande podem-se encantar com a ingênua e poética explicação “primitiva” da realidade.